

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO**

BRUNA CONCHESKI DE MOURA

**ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS: O QUE MOTIVA O CONSUMO
EM FEIRAS ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE – RS?**

Porto Alegre, 2018

BRUNA CONCHESKI DE MOURA

**ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS: O QUE MOTIVA O CONSUMO
EM FEIRAS ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE – RS?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nut. Luciana Dias de Oliveira

Porto Alegre, 2018

Moura, Bruna Concheski de
ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS: O QUE MOTIVA O CONSUMO
EM FEIRAS ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE - RS? / Bruna
Concheski de Moura. -- 2018.
48 f.
Orientadora: Luciana Dias de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Agricultura Sustentável. 2. Consumo de
Alimentos. 3. Meio Ambiente. I. Oliveira, Luciana
Dias de, orient. II. Título.

**ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS: O QUE MOTIVA O CONSUMO EM FEIRAS
ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE – RS?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao curso de Nutrição da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o trabalho de conclusão de curso intitulado Alimentos Agroecológicos: o que motiva o consumo em feiras ecológicas de Porto Alegre – RS? elaborado por Bruna Concheski de Moura, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Nut. Maria Rita Macedo Cuervo – Centro Universitário Metodista – IPA

Dr^a. Nut. Ana Luíza Sander Scarparo – Centro Colaborador de Alimentação e Nutrição do Escolar (CECANE UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Nut. Luciana Dias de Oliveira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão transcende qualquer outro sentimento neste momento. Agradeço por todas as possibilidades e adversidades que a vida apresenta. Com elas concluo a graduação realizada, por todas as experiências e conhecimentos adquiridos. Hoje, não posso deixar de agradecer a todos que desempenharam papel fundamental na construção de uma Nutricionista.

Agradeço primeiramente à minha família, meus pais, meu irmão, esposo e, em especial, à minha filha. Sem vocês, certamente, essa realização não seria completa. Obrigada pelo apoio, compreensão e amor dedicado constantemente, e principalmente, desde sempre. A minha força e determinação vem de vocês.

À minha orientadora, pela oportunidade de ser monitora durante 2 semestres na disciplina que fez meus pensamentos saírem da zona de conforto, da mesma forma, foram os alicerces deste trabalho, que construí de forma tranquila e prazerosa. Ainda, agradeço pelas experiências, ensinamentos, confiança e apoio em todos estes momentos.

Às minhas grandes amigas, que trouxe da universidade para a vida. Todo companheirismo, carinho e compreensão foram fundamentais nesta formação.

Aos entrevistados que contribuíram de forma singular para a construção desse trabalho.

A todos que me auxiliaram, de alguma forma, nessa jornada. Principalmente aos meus professores de coração, que educam com brilho nos olhos e amor ao que fazem! Vocês trazem realidade à teoria. Ademais, a todos os locais de estágio, iniciação científica, projeto de extensão e monitoria, levo um pouco de cada experiência comigo.

Por fim, sou eternamente grata por toda a minha trajetória dentro de uma das melhores universidades do Brasil.

A gratidão transforma o que temos em suficiente.

RESUMO

Partindo-se do pressuposto que a alimentação adequada e saudável deriva de sistemas alimentares socialmente e ambientalmente sustentáveis, as feiras agroecológicas representam singularidade no quesito de aquisição de um alimento seguro, promovendo saúde, relações sociais e preservação do meio-ambiente. Este trabalho buscou identificar os motivos que levam ao consumo de alimentos agroecológicos pelos frequentadores de duas feiras ecológicas na cidade de Porto Alegre – RS, incluindo aspectos relacionados à saúde, responsabilidade ambiental e social, além das percepções e conhecimentos sobre esses alimentos. A pesquisa constitui-se em um estudo de campo, de caráter qualitativo, onde foram realizadas 17 entrevistas, atendendo ao critério de saturação de amostra, por meio da aplicação de questionário semiestruturado. A maioria dos entrevistados foi do gênero feminino (70,5%), com média de idade 35,8 (\pm 13,6) anos, sendo o Ensino Superior o nível de escolaridade predominante (58,8%). Dos participantes, 53% afirmaram adquirir produtos agroecológicos e/ou orgânicos em outros locais além das feiras. Em relação às motivações, a preocupação com saúde mostra-se como principal motivo para a procura e o consumo de produtos agroecológicos, pela totalidade dos entrevistados. A isenção de venenos, agrotóxicos, contaminantes e/ou OGM são fatores prioritários à qualidade dos alimentos. Ainda, em relação às motivações, os consumidores demonstram cada vez mais preocupações ambientais e sociais, como fomento do pequeno produtor e agricultura familiar, distribuição de renda direta justa, eliminação de atravessadores, vínculo, confiança e atuação política que se formam com mesmo nível de importância à saúde. As características do produto, como sabor, cheiro, cor e durabilidade são aspectos que fortalecem a motivação dos participantes. Grande parte dos consumidores apresentou conhecimento superficial sobre a multidimensionalidade dos princípios agroecológicos, mostrando-se necessário maiores esclarecimentos sobre o assunto, possibilitando a construção do senso crítico e maior autonomia na tomada de decisão quanto as escolhas alimentares adequadas e saudáveis.

Palavras chave: Agricultura Sustentável. Consumo de Alimentos. Meio Ambiente.

ABSTRACT

Assuming that adequate and healthy food derives from socially and environmentally sustainable food systems, the agroecological fairs represent uniqueness in the acquisition of a safe food, promoting health, social relations and preservation of the environment. The proposal of this study was to identify the reasons that lead to the consumption of agroecological foods by the visitors of two ecological fairs in the city of Porto Alegre – RS, including aspects related to health, environmental and social responsibility, beyond the perceptions and knowledge about these foods. The research constitutes a field study, of qualitative character, where 17 interviews were carried out, considering the saturation criterion of the sample, through the application of a semi-structured questionnaire. The majority of respondents were female (70,5%), with average age 35,8 (\pm 13,6) years, with higher education being the predominant educational level (58,8%). When asked, 53% of the sample affirmed acquiring agroecological and/or organic products in places other than the fairs. Regarding motivations, the concern with health is the main reason for the demand and the consumption of agroecological products, by the totality of the interviewees. The exemption of poisons, pesticides, contaminants and/or GMO are priority factors for food quality. Still, with regard to motivations, consumers are increasingly showing environmental and social concerns, such as the promotion of small producers and family farms, income distribution direct and fair, elimination of trespassers, bond, confidence and political action that are formed with the same level of importance to health. Product characteristics, as taste, smell, color and durability are aspects that strengthen the motivation of the participants. A large proportion of consumers presented superficial knowledge on the multidimensionality of agroecological principles, further clarification is needed on the subject, which allows the construction of the critical sense and greater autonomy in decision making as to the appropriate and healthy food choices.

Key Words: Sustainable Agriculture. Food Consumption. Environment.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abrasco	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Coolmeia	Cooperativa Ecológica Colmeia
DCNT	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
FAE	Feiras de Agricultores Ecologistas
FCB	Feira Cultural da Biodiversidade
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
OGM	Organismos Geneticamente Modificados
OMS	Organização Mundial da Saúde
PARA	Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos
S	Sujeito
VIGITEL	Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

SUMÁRIO

1 REVISÃO DA LITERATURA	9
1.1 TRANSIÇÃO ALIMENTAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS	9
1.2 ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL	10
1.3 A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17
ARTIGO ORIGINAL	20
NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA	36
APÊNDICES	47
APÊNDICE A	47
APÊNDICE B	48

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 TRANSIÇÃO ALIMENTAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Fazem parte da caracterização de países em desenvolvimento, períodos de transições, mudanças demográficas, econômicas, ambientais, agrícolas, culturais e de saúde (POPKIN, 2002). Tais transições refletem modificações em aspectos sociais, como a alimentação (COYLE; BUXTON; O'BRIEN, 2003). Para a população Brasileira, este período é marcado pela troca territorial da população, antes majoritariamente rural passando para condição urbana, com maior crescimento econômico e distribuição de renda, acesso à educação e inovações tecnológicas, modificações dos padrões e estilos de vida, adjunto de menor natalidade e mortalidade.

Neste cenário discute-se também a transição alimentar que vem acompanhada de mudanças no perfil nutricional e na composição corporal da população. Observa-se diminuição das carências nutricionais, doenças infecciosas e parasitárias, e predominância de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) associadas ao excesso de peso da população. Nessa linha figuram a redução de atividades físicas, tornando as necessidades energéticas próximas, ou até idênticas, as do metabolismo basal, em conjunto com excessos e inadequações alimentares (BATISTA FILHO; ASSIS; KAC, 2007). Insere-se no mercado, a alta oferta de produtos ultraprocessados, com baixo valor de aquisição e apoio de recursos envolvendo marketing, permitindo alcance em todas as classes sociais. (JAIME; SANTOS, 2014). Tais “alimentos” são reconhecidos como nutricionalmente desbalanceados. De acordo com essa concepção, o Guia Alimentar para a População Brasileira define alimentos ultraprocessados como:

Alimentos ultraprocessados são formulações industriais feitas inteiramente ou majoritariamente de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, amido, proteínas), derivadas de constituintes de alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários tipos de aditivos usados para dotar os produtos de propriedades sensoriais atraentes). Técnicas de manufatura incluem extrusão, moldagem, e pré-processamento por fritura ou cozimento (BRASIL, 2014a, p. 41).

Baseando-se nesta formulação e apresentação, sugere-se que estes alimentos induzam o consumo excessivo de calorias, devido à hiperpalatabilidade, composição hipercalórica, diminuição da percepção de saciedade, bem como versões dos produtos em formato grande, finalizada e ajustada para o consumo imediato, tornando o ato alimentar despercebido.

Ademais, não contribui para a oferta de nutrientes, minerais e fibras ao nosso organismo. Tendo em vista estes aspectos, é evidente a correlação do consumo de um produto com diversas estruturas desconhecidas pelo nosso corpo e o aparecimento de graves complicações metabólicas (SOUZA *et al.*,2017).

As DCNT são a primeira causa de mortes no Brasil, e por serem doenças permanentes, exigem ações e serviços de saúde por longos períodos (SCHMIDT *et al.*, 2011), impactando em maiores demandas e gastos para o sistema de saúde. Segundo dados divulgados pelo instituto de pesquisa VIGITEL (vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico). No Brasil, as doenças crônicas avançam com aumento de 61,8 % para diabetes e 14,2 % para hipertensão, resposta do contínuo crescimento dos índices de sobrepeso e obesidade. Atualmente, mais da metade da população brasileira convive com excesso de peso, tratando-se 18,9% com algum grau de obesidade (BRASIL, 2017a). Mostra-se que a partir das mudanças do perfil alimentar, reflexo das modificações sociais oriundas do desenvolvimento, o Brasil está em transição da desnutrição para a obesidade.

No entanto, outros fatores associados à alimentação também sofrem prejuízos com a predominância dos produtos ultraprocessados, como o meio ambiente e aspectos culturais. Monocultura, uso inadequado de terras com dependência de fertilizantes e adubos químicos, bem como uso de sementes geneticamente modificadas; uso abusivo de água e combustíveis para produção; exclusão do conhecimento e mão de obra humana, proveniente da agricultura familiar, são alguns exemplos do impacto negativo que a produção destes “alimentos” provoca na nossa população. (BRASIL, 2014a).

Desta forma, torna-se imprescindível a discussão e reflexão em torno do conceito de uma alimentação saudável que possa mudar este cenário.

1.2 ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL

Por muito tempo, a compreensão de alimentação saudável baseava-se em um modelo limitado, desconsiderando a complexidade de toda a cadeia social de produção, processamento, distribuição e comercialização, até a chegada do alimento ao prato, bem como aspectos inerentes a cultura, acesso e prazer (RIBEIRO; JAIME; VENTURA, 2017). Atualmente, refere-se à alimentação adequada e saudável todo ato alimentar praticado em respeito com as necessidades fisiológicas do organismo, considerando prazer, harmonia

quanto à quantidade e qualidade; questões sociais, como cultura alimentar, uso sustentável do meio ambiente, acessibilidade física e financeira ao alimento (BRASIL, 2012; CASTRO, 2015).

Em vista da multidimensionalidade e abrangência de uma alimentação adequada e saudável, dois princípios que orientam a construção do Guia Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2014a) permitem ampliar o entendimento sobre estas dimensões: (a) Alimentação é mais que ingestão de nutrientes: O aporte de nutrientes está diretamente relacionado com a ingestão de alimentos, contudo a alimentação é relacionada, pela população, aos alimentos que contêm e fornecem estes nutrientes. O ato de comer comida, levando em consideração o modo como é preparada e suas combinações, bem como aspectos sociais e culturais, é o que supre as necessidades fisiológicas e biológicas da sociedade. Já se sabe que a ingestão de nutrientes em sua forma isolada, manipulada, não é eficaz comparado ao consumo do alimento com sua composição natural de nutrientes, além de ser a representação cultural em uma sociedade, transmitindo identidade, autonomia e prazer. (b) Alimentação adequada e saudável deriva de sistema alimentar socialmente e ambientalmente sustentável: Não se produz um alimento adequado e saudável em meio a condições desfavoráveis para o meio ambiente, que impactam negativamente para as pessoas que produzem, distribuem e consomem. Nesse sentido, através da produção, distribuição e consumo dos alimentos pode-se promover justiça social e proteção ao ambiente, considerando uma cadeia sustentável. No entanto, a existência de distância entre produtores e consumidores, necessidade de água, energia e transporte para produção e distribuição, respectivamente, são aspectos suficientes para que haja desigualdades sociais e ameaças aos recursos naturais e à biodiversidade.

Ademais, a alimentação adequada é reconhecida como um direito humano e prevê *“disponibilidade de alimentos, adequação, acessibilidade e estabilidade do acesso a alimentos produzidos e consumidos de forma soberana, sustentável, digna e emancipatória”*. Tais aspectos devem ser garantidos pelos estados do país como obrigação, bem como especificidades das populações. Esta obrigação decorre por algumas dimensões, como obrigação de respeitar, proteger, promover e prover a alimentação adequada e saudável (BRASIL, ABRANDH, 2013).

Progressivamente, ações de promoção à alimentação saudável ganham espaço entre políticas, programas e documentos nacionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) é um

dos órgãos que considera a alimentação como aspecto imprescindível na definição de objetivos, estratégias e recomendações em seus diversos programas e políticas. Por outro lado, a questão da intersetorialidade apresenta-se como principal estratégia para implementação da proposta de promoção da saúde. Isoladamente não se consegue responder às demandas de saúde da população, fazendo-se necessária a articulação de diferentes áreas e setores da sociedade (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007).

Reconhecer a multidimensionalidade da alimentação adequada e saudável, bem como avançar nas ações de caráter regulatório referentes a diferentes elementos do sistema alimentar, como a regulação da propaganda, da publicidade e da rotulagem de alimentos; a regulamentação das cantinas escolares; a taxação ou o subsídio de determinados alimentos; a regulação da composição de produtos ultraprocessados; o direcionamento de programas sociais no sentido de ampliar a sua cobertura e de garantir mecanismos que promovam um círculo virtuoso no sistema alimentar; a revisão do código sanitário de forma a torná-lo mais incluyente aos pequenos produtores, é fundamental para prática de escolhas adequadas, saudáveis e seguras (CASTRO, 2015).

Considerando-se a multidimensionalidade do processo alimentar propõem-se muitas frentes para a composição de uma alimentação saudável que engloba, dentre outros aspectos, o acesso ao alimento saudável no seu conceito ampliado. Na atualidade, dentre as importantes fontes de acesso a tais alimentos, torna-se fundamental contar com as feiras agroecológicas.

1.3 A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS

Basicamente, dois modelos de produção agrícola se destacam no mercado de abastecimento de alimentos em feiras, são eles: convencional e orgânico. O sistema convencional ganha espaço no Brasil a partir da década de 1960 com a adoção da “Revolução Verde”. Neste momento, acreditava-se que o uso de técnicas não sustentáveis, a exemplo da utilização de sementes híbridas selecionadas e/ ou geneticamente modificadas, fertilizantes químicos, agrotóxicos, drogas veterinárias e maquinário na agricultura erradicariam a fome da população a partir do aumento da produção de alimentos (KHATOUNIAN, 2001). Aumentasse a produção de alimentos e não se solucionava a fome. Fato que desconstrói a teoria da “Revolução Verde”, fortalecendo a má distribuição de renda e a desigualdade social como quesitos comprometedores quanto o acesso aos alimentos (BRASIL, 2017b).

Em contrapartida, tem sido retomado no mundo todo o sistema de produção orgânico que tem como princípio o uso responsável do solo, da água, do ar e dos demais recursos naturais, respeitando as relações sociais e culturais. Nesta prática agrícola não é aceito o uso de substâncias que coloquem em risco a saúde humana e o meio ambiente, não sendo permitida a utilização de substâncias sintéticas, adubos químicos, agrotóxicos e transgênicos (FAO, 2007). Contudo, observa-se cada vez mais a “convencionalização” do modelo de produção orgânico, reduzindo-o a não utilização de agroquímicos e/ou transgenia, não englobando os princípios éticos e sociais da agroecologia. Há uma preocupação com o produto e não com os processos (DARNHOFER; LINDENTHAL; BARTEL-KRATOCHVIL *et al.*, 2010).

Neste contexto, surge à necessidade de inserção da agroecologia, ciência multidisciplinar destinada a apoiar e fornecer orientações para criação ou transição de uma agricultura multidimensional com responsabilidade e sustentabilidade, cujas pretensões e contribuições proporcionam maior complexidade a suas dimensões econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A agricultura baseada na agroecologia está em processo de expansão nos últimos anos e vem ganhando destaque na cadeia agrícola brasileira. O mercado nacional de orgânicos espera manter seu crescimento financeiro de 20% a 30%, em 2018, o que demonstra o crescente interesse no consumo destes produtos. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária, e Abastecimento (MAPA), atualmente, o estado do Rio Grande do Sul é quem lidera o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (BRASIL, [s.d.]).

A cadeia de produção, processamento e consumo dos alimentos de base agroecológica preservam a sociobiodiversidade e as dimensões sociais e culturais, permite explorar e desenvolver diversos sentidos inerentes ao seu ciclo de formação, sentidos que ampliam o conceito de saúde, excedem a necessidade biológica e nutricional. A procura se dá por comida de verdade, representada por alimentos saudáveis e seguros, que valoriza quem produz (sua família, seu trabalho e sua cultura), com tomada de consciência em relação à necessidade de integração sociedade-natureza (IPEA, 2017).

Um estudo de cunho qualitativo (NAVOLAR; RIGON; PHILIPPI, 2009) demonstrou alguns aspectos fundamentais na tomada de decisão de agricultores quanto ao modo de produção e consumo de alimentos com base agroecologia disponíveis em feiras. Entre eles,

destacam-se fatores como bem-estar físico e emocional, melhora do estado de saúde individual, menor incidência de doenças e uso de medicações. A utilização destas práticas de produção e consumo são consideradas fortes estratégias de promoção à saúde.

Quanto à composição de nutrientes e segurança alimentar, os alimentos orgânicos superam os convencionais. Diversos alimentos convencionais apresentam constante redução em seu teor nutricional ao passar dos anos, fato que pode ser atribuído ao empobrecimento dos solos pelo uso de substâncias tóxicas, procedentes dos pesticidas, adubos e fertilizantes químicos (RAIGÓN, 2014). Esses dados reforçam a importância da agroecologia na produção de alimentos, não só no processo, mas na qualidade e segurança do produto final. Evidenciando as Feiras Agroecológicas um ambiente seguro para aquisição de alimentos adequados e saudáveis.

Em um de seus estudos, Souza *et al.* (2012, p. 516) indagam “[...] Qual o real valor de um alimento com preço baixo, mas que promove a poluição ambiental, a perda da biodiversidade, a exclusão social e que contribui para o aumento das doenças?”. Na produção com base agroecológica, o valor agregado ao produto fomenta a produção em respeito ao ambiente, preservando ecossistemas naturais, considerando as gerações futuras; ademais promove saúde e qualidade de vida. A explicação para a busca desse tipo de alimento também se deve ao fato de que este não só satisfaz as necessidades básicas de consumo, mas também simboliza identidade (SENAUER, 2001).

Nesse sentido, em 1989, a Cooperativa Ecológica Colmeia (Coolmeia) idealizava e organizava a Feiras de Agricultores Ecologistas (FAE) em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação e Dia Mundial de Luta Contra os Agrotóxicos. Diante de tamanha repercussão e sucesso, com a presença de mais de 5 mil pessoas e os produtos esgotados em 40 minutos de feira, se fazia necessária a continuidade deste encontro. Devido à falta de recursos necessários para atender a demanda, a Feira era organizada mensalmente na Avenida José Bonifácio, das 7 horas às 13. No segundo ano, com maior organização e disposição a feira acontece de forma quinzenal e passa a ser semanal no seu terceiro ano de existência. Em resposta a crescente demanda gerada pela FAE, a Coolmeia criou a Feira Cultural da Biodiversidade (FCB), em junho de 1999, realizada no pátio da Secretaria da Agricultura do Estado, no Bairro Menino Deus, das 13 horas às 19, a fim de garantir acesso aos produtos agroecológicos. Até o seu encerramento em 2004, a Coolmeia administrava a FAE e a FCB através de sua Secretaria Cultural, já que se tratava de um encontro além de um evento econômico, no qual se

encontravam culturas, políticas de práticas e difusão das lutas do movimento ecológico e do cooperativismo. A partir de 2004, os agricultores associados criam a Associação dos Agricultores Ecológicos Solidários do RS, com intuito de dar continuidade ao que já vinha sendo desenvolvido (BRASIL, 2014b).

As Feiras Ecológicas representam singularidade no quesito de comercialização, permitindo venda de uma produção diversificada, melhor retorno financeiro para o produtor e preço justo ao consumidor. Tal comercialização busca fundamentalmente: democratizar, popularizar e massificar o consumo de produtos ecológicos; fornecer alimentos seguros e saudáveis; encurtar a distância entre produtores e consumidores, estimulando relações solidárias entre eles; valorizar os serviços socioambientais gerados; fazer com que os benefícios da comercialização sejam compartilhados entre todos os envolvidos; promover a cooperação, a transparência e a complementaridade entre os agentes do processo de comercialização; possibilitar uma crescente inclusão de agricultores e consumidores no mercado (MEIRELLES, 2004).

Godoy e Anjos (2007) reforçam o papel das feiras na consolidação econômica e social, especialmente da agricultura familiar. É um espaço público de interação ímpar, dinâmico e diversificado, com trocas econômicas, sociais e políticas entre produtores e consumidores. Proporciona saúde, aproximação, conhecimento, interações, experiências que dificilmente aconteceriam se a aquisição dos produtos se desse a partir de atravessadores ou grandes mercados.

Em virtude do exposto, supondo-se que a aquisição e o consumo de alimentos agroecológicos se dão por questões de saúde, sociais e ambientais, e que este ato promove os respectivos aspectos, acredita-se que tal consumidor é peculiar e importante de ser estudado, justificando-se a realização do presente estudo que tem o intuito de conhecer sua forma de pensar, agir, comprar, comparar e fazer menção desses produtos a terceiros.

2 OBJETIVOS

Seguindo o contexto e a delimitação do estudo, com o intuito de atingir informações que respondam à questão de pesquisa proposta, este trabalho almeja alcançar os seguintes objetivos:

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer os motivos que levam ao consumo de alimentos agroecológicos pelos frequentadores de duas feiras agroecológicas em Porto Alegre - RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos foram elaborados com o intuito de reforçar e proporcionar suporte ao objetivo geral do trabalho:

- Verificar a relação do produto agroecológico como fonte protetora e promotora de saúde;
- Verificar a relação da motivação para o consumo de produtos agroecológicos sobre questões sociais;
- Verificar a relação da motivação para o consumo de produtos agroecológicos sobre o meio ambiente;
- Identificar a importância referente à composição de sentidos dos produtos agroecológicos, como sabor, frescor, aroma e cores;
- Identificar a responsabilidade ambiental, econômica e social no ato da compra do produto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA FILHO, M; ASSIS A. M; KAC G. Transição nutricional: conceito e características. In: KAC, G; SICHIERI, R; GIGANTE, D.P. (Org.). **Epidemiologia Nutricional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; Atheneu, 2007, p. 445-460.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Desenvolvimento sustentável. Orgânicos**. Brasília, DF [s.d.]. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos>>. Acesso em: 16 de outubro de 2017.

BRASIL. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN)**. 1. ed. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://dab.saude.gov.br/portaldab/pnan.php>> Acesso em: 10 de Agosto, 2017, 84p.

BRASIL. Ministério da saúde e ABRANDH. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: ABRANDH, 2013, 263 p. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/DHAA_SAN.pdf> Acesso em: 10 de Agosto, 2017.

BRASIL. Ministério da saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília, 2014, 156p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Feira tradicional em Porto Alegre reúne agricultura familiar e produção orgânica**. Brasília, 2014. Disponível em: <2014. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/casos-sucesso/feira-tradicional-em-porto-alegre-reune-agricultura-familiar-e-producao-orgânica>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

BRASIL. Ministério da saúde. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (VIGITEL)**. Brasília, 2017, 44p. Disponível em: <<http://portalquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/17/Vigitel.pdf>> Acesso em 07 de Agosto, 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. **Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN) – 2016/2019**. Brasília, 2017, 73p.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, 24p.

CASTRO, I. R. R. Desafios e perspectivas para a promoção da alimentação adequada e saudável no Brasil. **Cadernos de Saúde pública**, Rio de Janeiro, vol.31, n.1, 2015, p. 7-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000100007&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 de Agosto, 2017.

COYLE D; BUXTON M.J; O'BRIEN B.J. Measures of importance for economic analysis based on decision modeling. **Journal of Clinical Epidemiology**, Canadá, vol. 56, n.10, 2003, p. 989-97.

DARNHOFER, I; LINDENTHAL, T; BARTEL-KRATOCHVIL, R. *et al.* Conventionalisation of organic farming practices: from structural criteria towards an assessment based on organic principles. **Agronomy for Sustainable Development**. Vol.30, n.1, 2010, p. 67-81. Disponível em: <<https://doi.org/10.1051/agro/2009011>>. Acesso em: 16 de Agosto, 2017.

FERREIRA, V.A; MAGALHÃES, R. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 7, 2007, p. 1674-1681. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000700019&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 de Agosto, 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Codex Alimentarius Commission. **Organically Produced Foods**. Roma, 2007. 63 p.

GODOY, W. I; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 2, n. 1, 2007, p.364-8. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/1943>>. Acesso em: 16 de Agosto, 2017.

IPEA. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília, 2017. 463 p.

JAIME, P. C; SANTOS, L. M.P. Transição nutricional e a organização do cuidado em alimentação e nutrição na atenção básica em saúde. **Revista Divulgação em Saúde para Debate**, Rio de Janeiro, n. 51, 2014, p. 72-85. Disponível em: <<http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Divulgacao-51.pdf>> Acesso em: 07 de Agosto, 2017.

KHATOUNIAN, C.A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. 1. ed. São Paulo: Agroecológica, 2001, 345p.

MEIRELLES, L. Soberania Alimentar, agroecologia e mercados locais. **Agriculturas**. Rio de Janeiro, vol. 1, 2004, p. 11-4.

NAVOLAR, T. S; RIGON, S.A; PHILIPPI, J.M.S. Diálogo entre Agroecologia e Promoção da Saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. Fortaleza, vol. 23, n.1, 2010, p.69-79.

POPKIN, B. M. An overview on the nutrition transition and its health implications: The Bellagio meeting. **Public Health Nutrition**, Cambridge, vol. 5, n. 1, 2002, p. 93-103. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/85C21AFF6EB386820017CD04F675E36A/S1368980002000149a.pdf/an-overview-on-the-nutrition-transition-and-its-health-implications-the-bellagio-meeting.pdf>> Acesso em: 07 de Agosto, 2017.

RAIGÓN, M. D. Alimentação ecológica: uma questão de qualidade. **Agriculturas**. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 4, 2014, p. 25-9.

RIBEIRO, H; JAIME, P. C; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. **Estudos avançados**, São Paulo, vol. 31, n. 89, 2017, p. 185-198. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100185&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 de Agosto, 2017.

SCHMIDT, M.I; DUNCAN, B.B; SILVA, G.A; MENEZES, A.M; MONTEIRO, C.A. *et al.* Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. **The Lancet**, Porto Alegre, 2011, p. 61-74. Disponível em: <<http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor4.pdf>> Acesso em: 07 de Agosto, 2017.

SENAUER, B. The food consumer in the 21st century new research perspectives. **University of Minnesota, The Food Industry Center**, St. Paul, 2001, 34p. Disponível em: <<http://purl.umn.edu/14346>>. Acesso em: 16 de Agosto, 2017.

SOUSA, A. A; AZEVEDO, E; LIMA, E. E; SILVA, A. P. F. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 31, n. 6, 2012, p. 513-7. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892012000600010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de Agosto, 2017.

SOUZA, N. P. *et al.* A (des)nutrição e o novo padrão epidemiológico em um contexto de desenvolvimento e desigualdades. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 7, 2017, p. 2257-2266. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002702257&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 07 de Agosto 2017.

ARTIGO ORIGINAL

REVISTA: DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde.

**ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS: O QUE MOTIVA O CONSUMO EM FEIRAS
ECOLÓGICAS DE PORTO ALEGRE – RS?**

**AGROECOLOGICAL FOODS: WHAT MOTIVATES CONSUMPTION IN
ECOLOGICAL FAIRS OF PORTO ALEGRE - RS?**

Bruna Concheski de Moura^{1*}, Luciana Dias de Oliveira^{1,2}

1. Curso de Nutrição, Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
2. Departamento de Nutrição, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

***Endereço para correspondência do autor**

Faculdade de Medicina – Departamento de Nutrição
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Rua Ramiro Barcelos 2400 – 4º andar, Santa Cecília
CEP: 90035-003
Porto Alegre – Rio Grande do Sul
Fone: 55 (051) 99246.7769
E-mail: bruna.concheski@gmail.com

RESUMO

Partindo-se do pressuposto que a alimentação adequada e saudável deriva de sistemas alimentares socialmente e ambientalmente sustentáveis, as feiras agroecológicas representam singularidade no quesito de aquisição de um alimento seguro, promovendo saúde, relações sociais e preservação do meio-ambiente. O presente artigo constitui-se em um estudo de campo, de caráter qualitativo, sobre a motivação para o consumo de alimentos agroecológicos por frequentadores de duas feiras ecológicas na cidade de Porto Alegre – RS, incluindo percepções e conhecimentos sobre esses alimentos. Foram realizadas 17 entrevistas atendendo a saturação de amostra, por meio da aplicação de questionário semiestruturado. A maioria dos entrevistados foi do gênero feminino (70,5%), com média de idade – 35,8 (\pm 13,6) anos, sendo o Ensino Superior o nível de escolaridade predominante (58,8%). Dos participantes, 53% afirmaram adquirir produtos agroecológicos e/ou orgânicos em outros locais além das feiras. A preocupação com a saúde é a principal motivação para o consumo de produtos agroecológicos pela totalidade dos entrevistados, seguido por preocupações ambientais e sociais, como fomento do pequeno produtor e agricultura familiar, distribuição de renda direta justa, eliminação de atravessadores, vínculo, confiança e atuação política. As características do produto, como sabor, cheiro, cor e durabilidade são aspectos que fortalecem a motivação dos participantes. Grande parte dos consumidores apresentou conhecimento superficial sobre a multidimensionalidade dos princípios agroecológicos, mostrando-se necessário maiores esclarecimentos sobre o assunto, o que possibilita a construção do senso crítico e maior autonomia na tomada de decisão quanto as escolhas alimentares adequadas e saudáveis.

Palavras chave: Agricultura Sustentável. Consumo de Alimentos. Meio Ambiente.

ABSTRACT

Assuming that adequate and healthy food derives from socially and environmentally sustainable food systems, the agroecological fairs represent uniqueness in the acquisition of a safe food, promoting health, social relations and preservation of the environment. The present article is a field study, of qualitative character, on the motivation for the consumption of agroecological foods by consumers of two ecological fairs in the city of Porto Alegre – RS, including perceptions and knowledge about these foods. Seventeen interviews were carried out considering the sample saturation, through the application of a semi-structured questionnaire. The majority of respondents were female (70,5%), with average age 35,8 (\pm 13,6) years, with higher education being the predominant educational level (58,8%). When asked, 53% of the sample affirmed acquiring agroecological and/or organic products in places other than the fairs. Concern about health is the main motivation for the consumption of agroecological products by all respondents, followed by environmental and social concerns, such as the promotion of small producers and family farms, income distribution direct and fair, elimination of trespassers, bond, confidence and political action. Product characteristics, as taste, smell, color and durability are aspects that strengthen the motivation of the participants. A large proportion of consumers presented superficial knowledge on the multidimensionality of agroecological principles, further clarification is needed on the subject, which allows the construction of the critical sense and greater autonomy in decision making as to the appropriate and healthy food choices.

Key Words: Sustainable Agriculture. Food Consumption. Environment.

INTRODUÇÃO

Os alimentos agroecológicos oriundos da agricultura orgânica sustentável, no ponto de vista ambiental, social e ético, estão em processo de expansão nos últimos anos e vem ganhando destaque na cadeia agrícola brasileira. O que demonstra o crescente interesse no consumo destes produtos. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária, e Abastecimento (MAPA), atualmente, o estado do Rio Grande do Sul é quem lidera o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos¹.

O aumento da procura de tais alimentos se dá por uma tomada de consciência por parte dos consumidores referente à decorrência do uso destes produtos como fonte promotora de saúde², aliado a segurança alimentar e nutricional a partir da redução dos malefícios que os agrotóxicos presentes nos produtos “convencionais” podem causar à saúde³, bem como redução de danos ambientais e sociais⁴. A explicação para a busca desse tipo de alimento também se deve ao fato de que este não só satisfaz as necessidades básicas de consumo, mas também simboliza identidade⁵. Fato imprescindível, ao reconhecermos o consumo destes alimentos para além da busca por nutrientes. Partindo deste pressuposto, em que a alimentação é mais do que a ingestão de nutrientes, as recomendações alimentares devem levar em conta o impacto das formas de produção e distribuição dos alimentos sobre a justiça social e a integridade do meio ambiente, agregando valor ao alimento⁶.

Diante do constante aumento na produção, aquisição e consumo de produtos agroecológicos pelo nosso estado, é de extrema necessidade estimular a pesquisa científica sobre os pensamentos e comportamentos que levam os consumidores a praticarem estas importantes escolhas⁷. Identificar as motivações para o consumo de produtos agroecológicos pelos consumidores são fundamentais para promover progressivamente ações de incentivo ao consumo, reconhecer limitações ao seu acesso/consumo, bem como subsidiar estratégias de políticas públicas capazes de fomentar a produção e comercialização com interesses em nível de promoção de qualidade de vida para população, abrangendo fatores de saúde, ambientais e sociais.

Nesse âmbito, o objetivo deste estudo foi conhecer os motivos que levam ao consumo de alimentos agroecológicos pelos frequentadores de duas feiras ecológicas na cidade de Porto Alegre – RS.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, de caráter qualitativo⁸, realizado em duas Feiras Agroecológicas na cidade de Porto Alegre/RS, a Feira de Agricultores Ecologistas (FAE) localizada na Avenida José Bonifácio, bairro Bom fim e a Feira Cultural da Biodiversidade (FCB), na Avenida Getúlio Vargas, bairro Menino Deus. Selecionou-se a amostra por conveniência e incluíram-se consumidores de produtos agroecológicos que frequentam a FAE e a FCB, respeitando o princípio da equidade de gênero. O tamanho amostral atendeu ao critério de saturação teórica da amostra⁹.

As informações sobre as motivações para frequentar, comprar e consumir alimentos agroecológicos na FAE e FCB foram coletadas através de um questionário semiestruturado, elaborado especificamente para essa pesquisa, contendo perguntas abertas (Apêndice A). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, servindo como base de análise para o estudo. A coleta de dados aconteceu durante o mês de junho de 2017 e foi realizada pela própria pesquisadora.

Os dados foram analisados utilizando-se o método de Análise Textual Discursiva¹⁰, as informações coletadas a partir das entrevistas passaram por um processo desconstrutivo e construtivo, ou seja, um processo de desestruturação a partir do discurso dos participantes, a fim de conhecer o seu sentido com profundidade e, depois, reconstrução possibilitando a interpretação e análise. Foram definidos três eixos de análise, de acordo com a metodologia descrita por Bardin¹¹, possibilitando identificar rapidamente cada elemento da amostra de depoimentos. Definiram-se os seguintes eixos: “Aspectos relacionados à Saúde”, “Responsabilidade ambiental” e “Fatores sociais”.

Esta pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Plataforma Brasil, sob protocolo de nº. 40518814.0.0000.5347. A participação dos entrevistados foi efetivada a partir da aprovação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, 17 entrevistas foram realizadas atendendo a saturação de amostra. A maioria dos entrevistados foi do sexo feminino (70,5%), com média de idade – 35,8 (\pm 13,6) anos. O

nível de escolaridade predominante foi o Ensino Superior (58,8%). Dos participantes, 53% afirmaram adquirir produtos agroecológicos e/ou orgânicos em outros locais além das feiras, como casas de produtos naturais (44,5%), supermercados (44,5%) e em propriedades de produção agroecológica (11%). Ainda, todos os participantes que afirmaram consumir produtos orgânicos adquiridos nos supermercados referem desconforto quanto à aquisição, recorrendo a este meio em casos de extrema necessidade, como observado nas seguintes falas:

Sujeito (S) 8 “Também adquiro produtos orgânicos em supermercados, mas sempre com uma desconfiança”.

S 16 “Às vezes em compro no supermercado, mas é bem raro, só em caso de emergência”.

S 17 “... O Alimento orgânico não necessariamente é agroecológico”.

Quando questionados sobre a diferença entre um alimento agroecológico e um alimento orgânico, mesmo sendo frequentadores assíduos de feiras agroecológicas, 47% dos entrevistados não sabiam definir e/ou distinguir o alimento agroecológico do alimento orgânico, porém conseguiam caracterizar o agroecológico como um alimento superior ao orgânico, conforme os relatos:

S 6 “Não sei te definir exatamente, mas o que eu noto é que o alimento do supermercado é diferente do da feira”.

S 9 “Eu acredito que exista diferença, mas eu não conheço especificidades”.

Fato corrobora com dados obtidos em outros estudos^{2,12}, onde constatou-se que a maior parte dos consumidores de feiras conseguem correlacionar produtos orgânicos com a isenção de contaminantes, agrotóxicos e/ou utilização de organismos geneticamente modificados (OGM), refletindo um conhecimento superficial sobre a multidimensionalidade dos produtos com base agroecológica. Torna-se evidente a necessidade de maior esclarecimento dos consumidores neste ambiente, não apenas como ferramenta de marketing para estímulo de consumo, mas como uma medida de educação para população, com intuito de construir e fortalecer o consumo responsável e a autonomia alimentar¹³.

Quanto ao público que soube distinguir os produtos agroecológicos dos orgânicos, ambos demonstravam conhecimentos que sustentam a agroecologia, observados nas seguintes falas:

S 3 “O agroecológico se preocupa também com outras questões e não só a questão de não haver o veneno, mas também com a questão de todo mundo em torno, questões sociais. Enfim, acho que são varias questões envolvidas”.

S 12 “Eu não tenho bem certeza da diferença formal, o que me parece é que o agroecológico tem um cuidado além do orgânico, que tem a ver com sustentabilidade, com outras questões além do que simplesmente não colocar agrotóxico”.

S 4 “... o agroecológico tem toda questão da consciência do ecossistema como um todo, e não só ecossistema a nível da natureza, mas no nível do ser humano integrado a natureza, enquanto o orgânico pega apenas uma dimensão, principalmente do veneno em si ou não, independente se o sujeito vai devastar a mata nativa para plantar milho crioulo”.

Nas falas, é identificado um entendimento em nível de saúde, esperado, sendo o primeiro dos eixos que diretamente atinge o consumidor, em geral. Logo, observamos a sensibilização de uma percepção sobre aspectos envolvendo o meio social e ambiental, ou seja, além de identificarem benefícios e/ou prejuízos a partir do modelo de produção, há uma preocupação quanto interromper ou fomentar os ciclos não sustentáveis e os em respeito à cadeia completa de produção, respectivamente. Em uma entrevista para a Revista Ideias na Mesa¹⁴, Elaine Azevedo cita (2014, p.15) “[...] O perfil de alguns indivíduos que compram o alimento familiar orgânico é o de um consumidor que se preocupa com a história por trás da comida, com sua saúde e com práticas sustentáveis.” Hoppe *et al.*¹⁵ caracteriza esse público como representantes de um segmento específico com valores mais orientados para questões legais.

S 16 “... é bom para saúde, faz bem para o meio ambiente, estimula a economia local, é mais saborosa e tem contato com o produtor”.

Nessa seção, será apresentado a análise dos motivos e razões que fazem os consumidores entrevistados frequentarem e procurarem feiras agroecológicas para adquirirem seus produtos. Os tópicos foram subdivididos em três eixos centrais: Saúde, Meio Ambiente e

Fatores Sociais. São expostos, a seguir, os resultados que emergiram a partir da análise propriamente dita das narrativas.

Aspectos Relacionados à Saúde

Na análise desse eixo, observa-se a saúde como a principal motivação para o consumo de produtos agroecológicos, na totalidade dos entrevistados. A isenção de venenos, agrotóxicos, contaminantes e/ou OGM são fatores prioritários à qualidade dos alimentos segundo o relato dos participantes, como identificado na seguinte fala:

S 3 “... os agrotóxicos são altamente cancerígenos, tanto consumindo, quanto para as pessoas que trabalham com ele, para o meio entorno, para fauna, enfim diversos fatores que afetam a saúde”.

Segundo dados do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA), divulgados pelo Dossiê Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva)⁴, a contaminação por agrotóxicos já atinge um terço dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros. Em alguns casos, o cultivo é contaminado pelo uso não autorizado de algumas substâncias e/ou quantidades excedentes do permitido pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Fato compromete a segurança dos consumidores, representando consequências negativas na saúde humana, com efeitos agudos e crônicos que podem ocorrer após um longo período a partir da exposição ao veneno, manifestando-se em várias doenças como cânceres, más-formações congênitas, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais.

Ainda, fatores como promoção da qualidade de vida e bem estar físico e mental são relacionados à compra motivada pela saúde, conforme referido por S10 e S12:

S 10 “... a mente fica de outro jeito, porque o alimento influência muito na questão mental, então um alimento de qualidade, como esse da feira, estimula muito a mente a ser mais saudável, fora o corpo”.

S 12 “Uma opção de vida, de ter uma alimentação melhor, mais saudável. Eu tinha uma alimentação muito desregrada no passado e eu sofria muito de enxaqueca, eu mudei muito a minha alimentação e isso mudou muito a minha qualidade de vida, então eu não troco mais”.

As respectivas falas vão de encontro com os resultados de diversos estudos^{2, 16, 17}, os quais apresentam que, em geral, os consumidores de alimentos agroecológicos valorizam o bem-estar, qualidade de vida, melhora do estado de saúde, menor incidência de doenças e uso de medicações, através do consumo destes produtos.

Responsabilidade Ambiental

A preocupação ambiental apresenta forte impacto no que diz respeito à motivação de compra dos produtos agroecológicos, como ilustra a fala dos entrevistados:

S 3 “eu não concordo com o uso de agrotóxicos, não concordo com a exploração do planeta, exploração das pessoas. Enfim, tudo que envolve esses grandes sistemas. Eu acredito que a gente pode sobreviver de maneira muito mais sustentável utilizando da agroecologia”.

S 4 “... a maioria desses venenos não se desintegram da natureza, e vira um ciclo vicioso, vai para água, contamina rios, peixes e a gente toma essa água e continua. Então tem o nível da natureza que foge do meu ego, por uma questão de prazer ou saúde pessoal, mas do planeta que conseqüentemente vai me afetar”.

A partir das falas citadas, é possível reconhecer a responsabilidade ambiental dos consumidores para além de benefícios imediatos e/ou individuais, as falas convergem para uma preocupação social do meio em que vivem e que poderá afetar a condição individual da cadeia.

Estudos realizados no Brasil mostram a presença de contaminação das águas por resíduos de vários tipos de agrotóxicos. Fato que reforça a utilização indiscriminada desses produtos na agricultura, o que, além de representar uma ameaça à saúde da população, como citado no eixo acima, já causa sérios impactos sobre o ambiente e a biodiversidade, incluindo a diversidade de sementes, desmatamento, degradação dos solos, destruição de fontes de água e contaminação ambiental, resultando em perdas ecológicas importantíssimas¹⁸. Apesar da existência de dados comprobatórios referentes aos prejuízos ambientais e à saúde dos seres vivos, o Brasil ainda consome agrotóxicos já proibidos em diversos países.

Fatores Sociais

Neste eixo é destacado pontos comuns nas falas dos entrevistados que contribuem para aspectos pertinentes ao meio social onde estão inseridos, como fomento do pequeno produtor e agricultura familiar, com distribuição de renda direta, eliminando atravessadores e criação de vínculos, como identificado nos seguintes relatos:

S 9 “pensar nessa linha de anti consumismo, de ajudar os pequenos produtores também é um fator que me motiva a vir aqui”.

S 10 “... saber que a gente não esta enriquecendo uma grande indústria, um grande chefe ou um grande empresário, são essas famílias que a gente está nutrindo também”.

A partir desses relatos, é possível identificar que as motivações para o consumo dos produtos de feiras agroecológicas vão além dos benefícios diretamente relacionados ao consumidor como saúde, a preocupação em destinar de maneira correta e produtiva o seu dinheiro, reconhecendo e valorizando os pequenos produtores, pensando neles como eles pensam em nós, é um ato de gratidão ao que é ofertado naquele local, o que demonstrado a fala de um dos entrevistados:

S 4 “... tu compra direto de um produtor, tu esta direto com a pessoa que se relacionou, tu sabe que ele teve um gosto por produzir aquele produto, inclusive, por ser bem melhor remunerado do que vendendo para terceiros ou para outros distribuidores.

Nas feiras agroecológicas, não se paga pelo produto, fomenta-se um ciclo saudável. Este pensamento é observado na seguinte fala:

S 12 “... pra mim, tem um valor que não se paga aqui”.

Fornazier *et al.*¹⁹ discutem a importante influência das interações e criação de vínculo sobre a construção de confiança, neste cenário. Visitar os produtores trata-se de um mecanismo de diminuir incertezas relacionadas ao produto e aos processos, é uma forma de conhecer melhor as características sociais e ambientais do modelo de produção aplicado no produto adquirido. Tais relações também representam poder ao que diz respeito à motivação para compra destes produtos, como analisado nas próximas falas:

S 12 “A gente acaba criando vínculos, eu sou amigo dos produtores, a gente já foi na propriedade deles. Eu trabalho em uma empresa que é cooperativista, eu acho legal a

questão das cadeias curtas de relacionamento das pessoas, de saber de quem você está comprando, de ter menos intermediários, de você pegar o seu dinheiro e dar para alguém que está aqui perto e não deixar o seu dinheiro ir para São Paulo, Mato Grosso. Sei que eles têm propriedades pequenas e não grandes extensões de terra”.

S 4 “... a qualidade e a possibilidade de ter uma credibilidade direto com o produtor ou mais próxima com ele é única, é uma credibilidade da qualidade do alimento, tanto em termos de não ter agrotóxico como conseqüentemente o aroma, o sabor. Mas essa credibilidade, confiança de que tenha qualidade, onde tu pode cobrar direto, na cara de quem produziu e te vendeu. O cara tem responsabilidade, não adianta botar outro para fazer fachada”.

A relação entre consumidor e produtor é fundamental no que diz respeito à construção de confiança ao produto²⁰. Durante a análise das falas, percebe-se que o vínculo, muitas vezes, prevalece à presença do selo de certificação dos produtos. Para muitos consumidores, a certeza “certificação” de que o alimento é produzido com práticas adequadas e sustentáveis já não parece ser mais suficiente frente à convivencialidade proporcionada por esse vínculo²¹.

Ademais, nota-se nos relatos, o vínculo do produtor com o produto como um dos grandes fatores estimulantes para o consumo dos alimentos agroecológicos, está relação prepondera, até mesmo, questões como a composição nutricional do alimento.

S 9 “Além dos valores nutricionais, vem junto com ele todo aquele cuidado que o pequeno agricultor teve com a produção, então energeticamente falando eu acredito que é um superalimento, não é só o fator lucro que está envolvido”.

S 16 “eu acho muito legal vê que a mão dele está cheia de terra. Esse alimento pra mim tem um valor simbólico, muito mais do que só nutricional”.

Considerar estes valores vai de encontro com os princípios do Guia Alimentar para População Brasileira⁶, em especial ao que faz menção: Alimentação é mais que ingestão de nutrientes. Não podemos reduzir a alimentação à carga nutricional contida nos alimentos. Sabemos que a composição de nutrientes dos alimentos é essencial para a sobrevivência, bem como a prevenção e combate de carências nutricionais e de diversas doenças. Porém, se deter a simples equação de necessidade e ingestão, não nos garante saúde, na sua totalidade, quem dirá bem-estar. Alimentação diz respeito à ingestão de nutrientes, assim como às dimensões culturais, ambientais e sociais das práticas alimentares. Representando cultura, identidade,

autonomia e prazer. De acordo com a discussão de Solomon²², a compra se dá pelo significado, pela representatividade do produto e não pelo que é capaz de fazer.

S 4 “... é uma atitude política consumir alimentos de feiras agroecológicas e da agricultura familiar. Onde é que tu esta botando teu dinheiro? Quem é que tu esta querendo que cresça? No supermercado quantos atravessadores tem para o produto sair da mão do produtor que ganha uma merreca para chegar na tua mão com preço de banana e coberto de veneno”.

Alimentação é um ato político!¹⁴ A procura por saúde em conjunto com interesses envolvendo meio ambiente e sociedade no momento da escolha e compra dos alimentos ecológicos, refletem uma atuação política de tais consumidores. Optar por produtos com produção local e com práticas sustentáveis, em que, as relações sociais sejam justas, com princípios morais e promovam a equidade é um bom exemplo de consumo político. Ao encontro desse fato, identificamos este movimento através das falas dos entrevistados, onde, a motivação para tais escolhas é, também, sustentada pela possibilidade de atuação social e política em face da sustentabilidade como novo modelo societário²³.

S 3 “a gente consome também como ativismo social, porque é nas pequenas mudanças que a gente consegue fazer. A gente pode usar a tecnologia também, sabe? mas para melhor, a nosso favor, pensando no planeta como um todo”.

S 4 “tem também uma atitude política, por exemplo, o alimento ecológico é derivado basicamente da agricultura familiar, assim nas feiras. Agricultura familiar de um raio relativamente próximo ao local que a gente está, então vai contra o sistema de monoculturas das grandes empresas, vai contra monopólios como o da Monsanto, o mais conhecido, que monopoliza a produção de alimento, que vai completamente contra a ideia de alimentar o mundo inteiro. Porque tradicionalmente com a agricultura familiar tu esta dando teu dinheiro, muitas vezes, direto para o produtor sem nenhum atravessador no meio”.

S 11 “Essa possibilidade de transformação. Sei que eu não posso fazer muito nesse planeta, mas eu fazendo isso aqui, dando meu dinheiro para esses feirantes, comprando essas coisas, eu estou fortalecendo aquilo que tem que ser fortalecido, que são as pessoas que estão plantando sem o cunho de enriquecimento”.

Partindo-se do trecho presente na primeira fala deste item: “... *onde é que tu esta botando teu dinheiro? Quem é que tu esta querendo que cresça?*” No momento em que decidimos comprar um alimento agroecológico, produzido pela agricultura familiar, com práticas sustentáveis, fortalecendo tradições alimentares regionais e com retorno financeiro justo para a família de produtores, ou um produto “convencional” de uma multinacional que degrada o meio ambiente e ignora quem produz o alimento, onde a família de produtores não é valorizada e devidamente recompensada, sem responsabilidade ambiental e social, repleta de atravessadores que fomentam o ciclo não sustentável, com diversos prejuízos à cultura, ambiente e sociedade, nós estamos concordando e apoiando com todas as práticas envolvidas para a semente chegar à forma de comida no nosso prato. Em seu estudo, Souza *et al.*²⁴ indagam “[...] Qual o real valor de um alimento com preço baixo, mas que promove a poluição ambiental, a perda da biodiversidade, a exclusão social e que contribui para o aumento das doenças?”. Deve ser claro, para nós consumidores, tamanha responsabilidade que adquirimos ao fazermos escolhas alimentares.

Cabe destacar outros resultados importantes na decisão de compra dos entrevistados. Características como, sabor, cheiro, cor, durabilidade são aspectos que fortalecem os eixos de motivação para o consumo dos alimentos agroecológicos. Ainda, as feiras ecológicas desempenham um espaço de convivência único, com experiências singulares no quesito confiança e aprendizagem.

S 6 “... além da confiança e educação que os produtores me passam, não só com os alimentos produzidos corretamente, mas aqui eu fico tranquila em pegar um produto e pagar lá no final da banca, eles confiam em mim”.

Considerações Finais

O presente estudo realizou uma análise das motivações para consumo de alimentos agroecológicos, a partir de entrevistas realizadas com consumidores de feiras ecológicas. Conforme pode ser verificado nas análises, a busca por esses alimentos se dá principalmente por questões de preocupação com a saúde. Porém, os consumidores demonstram cada vez mais interesses que ultrapassam o nível individual, evidenciando uma preocupação de compra com outras relações a nível coletivo, como meio ambiente e responsabilidade social. A possibilidade de fortalecimento dos pequenos produtores, criação de cadeias curtas de

relacionamento, bem como apoio a um ciclo completamente sustentável são pilares de cuidados que se formam com mesmo nível de importância à saúde.

O consumidor é responsável por suas escolhas alimentares em conjunto com todas as ações necessárias para a sua produção, é notório o incentivo de uma rede saudável pelos entrevistados, como uma atuação política. Assim como o modelo de produção desses alimentos determina o consumo dos entrevistados, a ação consciente, com percepções multidimensionais, do que comemos também irá determinar como e o que será produzido.

Avançar em caráter regulatório é necessário, a exemplo de uma maior taxação de produtos que não trazem benefícios para saúde, meio ambiente e sociedade, além de subsídios para os alimentos em respeito a estes aspectos. Assim como, especificações de rotulagem para produtos que se dizem “convencionais” ao contrário de uma certificação para um produto produzido de forma inteiramente natural. De forma similar, se aplica a campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida²⁵.

Fortalecer a produção sustentável de alimentos contribui para a Segurança Alimentar e Nutricional e qualidade de vida dos consumidores, bem como preserva o meio ambiente e valoriza a sociedade. Ações de apoio e incentivo são imprescindíveis através de reformulação e/ou potencialização das políticas públicas, com o direcionamento de programas sociais no sentido de ampliar a sua cobertura e de garantir mecanismos que promovam um círculo virtuoso no sistema alimentar. Porém não é exclusivamente a solução, a mudança a nível individual é prioritária neste sentido, é preciso sair da zona de conforto e mudar padrões estipulados por grandes empresas, mídias, *marketing*, entre outros. Fato é muito mais desafiante do que mudar a política pública ou a indústria¹⁴.

Por fim, o estudo apresenta que uma grande parcela dos entrevistados demonstram conhecimentos superficiais no que diz respeito à multidimensionalidade dos princípios da agroecologia. Mostra-se fundamental a necessidade de maiores esclarecimentos sobre o assunto, sendo as feiras ecológicas um excelente ambiente educativo para produção deste conhecimento.

REFERÊNCIAS

1. Desenvolvimento sustentável. Orgânicos. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos>.
2. Andrade LMS, Bertoldi MC. Atitudes e motivações em relação ao consumo de alimentos orgânicos em Belo Horizonte - MG. Braz. J. Food Technol 2012; 31-40.
3. Santos JO, Santos RMS, Borges MGB, Ferreira RTFV, Salgado AB. A evolução da agricultura orgânica. RBGA 2012; 6(1): 35-41.
4. Carneiro FF, Rigotto RM, Augusto LGS, Friedrich K, Búrgio AC. Dossiê Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: 2015. 624 p. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf>.
5. Senauer B. The food consumer in the 21st century new research perspectives. 71st EAAE Seminar, 2001. 34p.
6. Brasil. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: 2014. 156p.
7. Pimenta M. Comportamento do Consumidor de Alimentos Orgânicos na Cidade de Uberlândia: um Estudo com Base na Cadeia de Meios e Fins [dissertação]. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; 2008.
8. Minayo MCS . O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec; 2004.
9. Denzin NK, Lincoln YS. Hand book of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications; 1994.
10. Moraes R, Galiazzi MC. Discursive textual analysis: a multiple face reconstrutive process. Ciênc. Educ. 2006; 12(1): 117-128.
11. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
12. Cavallet LE, Canavari M, Peçanha WT, Occhi TVT, Rocha CH. Conhecimento da população sobre produto orgânico na região litorânea do Paraná. Rev. Bras. de Agroecologia 2013; 8(2): 62-74.
13. Badue AFB, Gomes FFF. Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras. 1 ed. São Paulo: 2011. 44 f.
14. Azevedo E. A politização do consumo. Revista Ideias na Mesa 2014 2: 15-7. Entrevista concedida a Elaine Azevedo.
15. Hoppe A, Barcellos MD, Vieira LM, Matos CA. Comportamento do consumidor de produtos orgânicos: uma aplicação da teoria do comportamento planejado. BASE 2012; 9(2): 174-188.

16. Vilas Boas SHT, Sette RS, Brito MJ. Comportamento do consumidor de produtos orgânicos: uma aplicação da cadeia de meios e fins. *Org. Rurais & Agroind.* 2006; 8(1): 25-39.
17. Navolar TS, Rigon SA; Philippi JMS. Diálogo entre Agroecologia e Promoção da Saúde. *RBPS* 2010; 23(1): 69-79.
18. IPEA. Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: 2017. 463 p.
19. Fornazier A, Pedrozo EA. A confiança entre os agricultores na garantia do atributo ecológico de sua produção. *Rev. Bras. de Agroecologia* 2010; 5(1): 114-26.
20. Vieira LM, Traill WB. Trust and governance of global value chains: the case of a Brazilian beef processor. *BFJ* 2003; 110: 460-473.
21. Niederle PA. Os agricultores ecologistas nos mercados para alimentos orgânicos: contramovimentos e novos circuitos de comércio. *SeD* 2014; 5(3): 79-97.
22. Solomon MR. O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo. 5ed. Porto Alegre: 2002. 446p.
23. Portilho F. Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. *Rev. Polít. Soc.* 2009; 8: 199-224.
24. Sousa AA, Azevedo E, Lima EE, Silva APF. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. *RPSP/PAJPH* 2012; 31(6): 513-7.
25. Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Disponível em: <http://www.contraos-agrotoxicos.org/campanha-permanente-contra-os-agrotoxicos-e-pela-vida/>.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde.

1. CATEGORIAS DE TRABALHOS

EDITORIAL: Texto que expressa posicionamentos dos editores da revista.

ARTIGO DE DEBATE: Texto, preferencialmente de cunho conceitual, encomendado pelos editores, e que será debatido por cerca de cinco pesquisadores convidados. Os autores dos Artigos de Debate apresentarão considerações a partir do conjunto dos debates.

ARTIGO TEMÁTICO: Texto de revisão crítica ou correspondente a resultados de pesquisas de natureza empírica ou reflexão conceitual sobre o assunto em pauta em número temático. Números Temáticos podem ser propostos à Editoria, bastando a apresentação de um Termo de Referência explicitando a temática a ser abordada, artigos e respectivos autores que comporão o conjunto da obra e um cronograma de produção. É recomendável que o Número Temático proposto inclua um Artigo de Debate e os correspondentes debatedores.

TEMA LIVRE: Análise teórica e/ou metodológica ou texto derivado de pesquisas empíricas ou discussão conceitual ou revisão de literatura sobre temas distintos daquele que identifica um determinado Número Temático da revista. Revisões de literatura devem seguir os procedimentos relativos a Revisão Sistemática, não sendo consideradas revisões narrativas.

RESENHA: Análise crítica de livros ou outros tipos de publicações recentes e relacionados ao campo científico da Alimentação, Nutrição e Saúde.

ENTREVISTA: Diálogo com personalidades de destaque no campo científico da Alimentação, Nutrição e Saúde conduzidos a partir da Editoria.

2. REVISÕES E TRADUÇÕES PARA INGLÊS E ESPANHOL

Textos submetidos em português: quando, após avaliação por pares, o original for recomendado para publicação, os autores providenciarão a tradução para a língua inglesa junto a profissionais especializados credenciados pelo periódico; os custos de tradução ficam a cargo dos autores.

Textos submetidos em espanhol: quando, após avaliação por pares, o original for recomendado para publicação, os autores providenciarão a tradução para a língua inglesa e a revisão da versão em espanhol junto a profissionais especializados credenciados pelo periódico; os custos de tradução e de revisão ficam a cargo dos autores.

Textos submetidos em inglês: quando, após avaliação por pares, o original for recomendado para publicação, os autores providenciarão a tradução para a língua portuguesa e a revisão da versão em inglês junto a profissionais especializados credenciados pelo periódico; os custos de tradução e de revisão ficam a cargo dos autores.

Reiteramos a inexistência de qualquer forma de pagamento para submissão dos artigos e que o acesso a todo o material publicado permanece aberto, sem custos para o leitor. Neste momento, lamentavelmente, não nos é possível arcar com despesas de tradução e/ou revisão de textos conforme explicitado acima. **Enfatizamos que essa condição aplica-se exclusivamente aos artigos recomendados para publicação.**

Os autores serão orientados sobre os procedimentos de contato com os revisores, na ocasião em que for comunicado que o artigo foi recomendado para publicação.

3. APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Recomendamos a leitura atenta das informações abaixo. Eventuais dificuldades na submissão on line ou dúvidas poderão ser encaminhadas através dos endereços eletrônicos demetra@uerj.br ou demetra.uerj@gmail.com.

Os conceitos e opiniões expressos nos artigos, bem como a exatidão e a procedência das citações são de exclusiva responsabilidade dos autores.

O artigo deve ser um trabalho original, e não ter sido publicado ou estar sendo avaliado para publicação em outra revista.

Os originais devem ser encaminhados exclusivamente à DEMETRA: Alimentação, Nutrição e Saúde.

Serão recebidos originais em português, inglês ou espanhol.

Os textos devem ser digitados em Word, página tamanho A-4, margens de 2,5 cm, espaço duplo e fonte Arial tamanho 12.

Todas as páginas deverão estar numeradas, sendo a primeira a página de rosto.

3.1. PÁGINA DE ROSTO

- Deverá conter título completo do artigo indicando claramente o conteúdo central do estudo. Títulos em português ou espanhol devem apresentar também sua versão em inglês. Títulos em inglês devem apresentar também sua versão em português.
- Informar os nomes de todos os autores por extenso, endereço completo, incluindo endereço eletrônico e afiliação institucional principal (Exemplo: Departamento, Faculdade e Universidade, nesta ordem).
- Indicar o autor para troca de correspondências com a revista.
- Especificar a participação de cada autor na elaboração do original (Exemplo: AL Costa participou da concepção e da análise e interpretação dos dados; MJ Marques participou do desenho do estudo, da redação do artigo e da sua versão final; FDR Lopes trabalhou em todas as etapas desde a concepção do estudo até a revisão da versão final do artigo).
- Tendo em vista o crescimento no número de coautores em muitos artigos encaminhados a DEMETRA, o número máximo de autores está limitado a seis. Somente com justificativas excepcionais e bem fundamentadas será aceito número maior de autores, o que deve ser aqui informado.
- Declarar a existência ou não de conflito de interesses de cada autor.
- Registrar agradecimentos a pessoas ou instituições, deixando bem claro que não se trata de autores ou financiadores.
- Se o trabalho foi subvencionado, indicar o agente financiador e respectivo número de processo.
- Identificar o tipo de trabalho submetido, assinalando com "x" uma das opções: () Estudo empírico () Ensaio ou abordagem conceitual
- Identificar a área de avaliação do trabalho assinalando com "x" uma das opções: () Nutrição e Epidemiologia () Políticas de Alimentação e Nutrição () Ciências Humanas e Sociais em Alimentação () Alimentação para Coletividades () Nutrição e Alimentos () Nutrição Clínica () Nutrição Básica () Nutrição Experimental () Nutrição, Atividade Física e Esportes

- A PÁGINA DE ROSTO deverá ser transferida como DOCUMENTO SUPLEMENTAR em arquivo específico e, portanto, em separado do Corpo de Texto Original.

3.2. CORPO DO TEXTO ORIGINAL

O Corpo do Texto Original (sem a Página de Rosto) deve conter título, resumo, palavras-chave, corpo do texto propriamente dito e referências.

Quando submetido em português ou em espanhol apresentará título, resumo, palavras-chave na língua original e em inglês.

Quando submetido em inglês deve ter título, resumo e palavras-chave na língua original e em português.

Resumo

Deve ter entre 150 e 250 palavras, evitando o uso de abreviaturas e de citações.

Para estudos empíricos ou *surveys*, identificar as seguintes partes, tal como abaixo:

- Objetivos.
- Metodologia.
- Resultados.
- Discussão.
- Conclusões.

Para ensaios, abordagens conceituais e outras similares, o resumo pode ser narrativo, tal como abaixo:

- Objeto do estudo ou problema em questão e fundamentos conceituais.
- Desenvolvimento da argumentação.
- Considerações finais.
- É muito importante que o resumo seja bem elaborado e redigido com clareza.

Palavras-chave

Indicar no mínimo três e no máximo seis palavras-chave descritoras do conteúdo do trabalho utilizando os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), em português ou espanhol e em inglês. Devem suceder os resumos por idioma.

Corpo do Texto Original

Em estudos de cunho empírico ou *surveys* é frequente a divisão do texto em seções como Introdução (que inclui a justificativa e o objetivo do trabalho, sua importância, abrangência, lacunas, controvérsias e outros dados considerados relevantes pelo autor), Metodologia (deve conter descrição da população estudada e dados do instrumento de investigação; nos estudos envolvendo seres humanos deve haver referência à existência de um termo de consentimento livre e esclarecido apresentado aos participantes e à aprovação do Comitê de Ética da instituição onde o projeto foi desenvolvido), Resultados (devem ser apresentados de forma sintética e clara, e apresentar ilustrações elaboradas de forma a serem autoexplicativas e com análise estatística; evitar repetição de dados do texto), Discussão (deve explorar os resultados, apresentar a experiência pessoal do autor e outras observações já registradas na literatura; dificuldades metodológicas podem ser expostas nesta parte) e Conclusões (apresentar as conclusões relevantes face aos objetivos do trabalho, podendo haver indicação sobre formas de continuidade do estudo). É possível apresentar Resultados e Discussão juntos.

Para ensaios, abordagens conceituais e outras similares, há liberdade para estabelecer a estrutura (título e subtítulos) de seu original de modo a contemplar a identificação do objeto do estudo ou problema em questão e fundamentos conceituais, o desenvolvimento da argumentação e considerações finais.

Títulos ou subtítulos não devem ser numerados, podendo-se fazer uso de recursos gráficos (caixa alta, negrito, etc).

Ilustrações (figuras, quadros, tabelas e gráficos) devem ser apresentadas em separado, no final do texto, depois das referências do original com respectivos títulos, legendas e referências específicas. O número máximo de ilustrações é 6 (seis).

Ao longo do texto os autores devem indicar, com destaque, a localização de cada ilustração, todas devidamente numeradas.

As tabelas e os quadros devem ser elaborados em Word.

Os gráficos devem ser elaborados em Excel e os dados numéricos correspondentes devem ser enviados, de preferência, em separado no programa Word ou em outra planilha como texto, para facilitar o recurso de copiar e colar.

As figuras devem ser encaminhadas em JPEG ou TIFF.

Notas de rodapé: deverão ser restritas ao necessário e indicadas por letras sobrescritas (Ex. a, b).

ARTIGOS DE DEBATE devem ter, no máximo, 7.000 palavras e 40 referências; os textos dos debatedores e o correspondente às considerações dos autores sobre o conjunto dos debates devem ter, no máximo, de 4.000 palavras e 20 referências, cada um. Na contagem do número de palavras estão incluídos o texto original do artigo e as referências.

ARTIGOS TEMÁTICOS e TEMAS LIVRES devem ter, no máximo, 7.000 palavras e 40 referências; excetuam-se os artigos de revisão que devem ter, no máximo, 60 referências. Na contagem do número de palavras estão incluídos o texto original do artigo e as referências.

RESENHAS devem ter, no máximo, 4.000 palavras. Estão incluídos o texto original da resenha e as referências. O autor da resenha deve encaminhar imagem eletrônica, com qualidade, da capa do livro resenhado.

ENTREVISTAS devem ter, no máximo, 4.000 palavras.

Referências

As referências seguem o estilo Vancouver. Devem ser numeradas consecutivamente de acordo com a ordem em que são citadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos, colocados após a pontuação, se houver.

Exemplo: ... Foi utilizado o questionário GTHR 6 ...

Para referência de mais de dois autores, no corpo do texto deve ser registrado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão et al.

Exemplo: ... De acordo com Marshall et al 13, as crianças...

As referências citadas somente nas ilustrações devem ser numeradas a partir do número da última referência citada no texto.

As referências citadas devem ser listadas ao final do artigo, em ordem numérica, seguindo as normas gerais dos Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos (<http://www.icmje.org>).

Nomes de pessoas, cidades e países devem ser citados na língua original da publicação.

Exemplos de referências encontram-se ao final destas “Diretrizes para Autores”.

4. ENSAIOS CLÍNICOS

A revista DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de pesquisas clínicas que tenham recebido um número de identificação em um dos Registros de Ensaios Clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE. O número de identificação deverá ser registrado ao final do resumo.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS

1. AUTORES

Um autor – inicia-se pelo último sobrenome do autor, em caixa baixa, utilizado também para sobrenomes compostos seguido das iniciais dos prenomes, sem espaço nem pontuação entre as iniciais.

Camões L.

Saint-Exupery A.

Oliveira Filho C.

Até seis autores – mencionam-se todos, na ordem em que aparecem na publicação, separados por vírgula.

Mais de seis autores – citar os primeiros seis, na ordem em que aparecem na publicação, seguido da expressão et al.

Vários autores, com um responsável destacado (organizador, coordenador, compilador etc.) – entrada pelo nome do responsável, seguido da abreviatura da palavra que indica o tipo de responsabilidade.

Teitel S, coordenador

Barnes J, editor.

Obra publicada sob pseudônimo – adotar o pseudônimo e quando o nome verdadeiro for conhecido indicá-lo entre colchetes.

Tupynambá M, [Fernando Lobo]

2. REFERÊNCIAS POR TIPO DE MATERIAL (documentos considerados no todo e partes de documentos)

Livros e folhetos - Autor. Título: subtítulo. Edição. Local de publicação (cidade): Editora; ano de publicação. Número de páginas.

Indivíduo como autor

MATTOS RS. Sobrevivendo ao estigma da gordura. 1. ed. São Paulo: Vetor; 2012.

Organizador ou compilador como autor

Bosi MLM, Mercado FJ, organizadores. Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes; 2004.

Capítulo de livro

SANTOS LAS. Da anorexia à obesidade: considerações sobre o corpo na sociedade contemporânea. In: Diez-Garcia RW, Cervato-Mancuso AM, organizadores. Mudanças alimentares e educação nutricional. Rio de Janeiro: Guabanara Koogan; 2011, p. 109-109.

Periódicos (revistas, jornais etc. na íntegra) - Título da publicação ano mês dia; nº do volume (nº do fascículo): total de páginas ou paginação do volume referenciado.

Revista de Nutrição 2011 dez; 24(6): 801-938.

Artigos de revista - Autor. Título: subtítulo do artigo. Título do periódico ano mês; nº do volume (nº do fascículo): páginas inicial e final.

Barbosa TBC, Mecnas AS, Barreto JG, Barreto MI, Bregman R, Avesani CM. Longitudinal assesment of nutritional status in nondialyzed chronic kidney disease patients. CERES 2010; 5(3): 127-137.

Trabalhos apresentados em congressos - Autor do trabalho. Título: subtítulo. In:Tipo de publicação do Congresso (Anais, Resumos) Nº do Congresso Nome do Congresso, ano mês dia, local de realização (cidade). Local de publicação: editora; ano. Páginas inicial e final do trabalho.

Goidanich ME, RIAL CS. Relações entre os sentidos e as escolhas alimentares no supermercado: uma abordagem etnográfica. In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul; 2011; Curitiba. p. 1-19.

Entrevistas - A entrada para entrevista é feita pelo nome do entrevistado. Para referenciar entrevistas gravadas, faz-se descrição física de acordo com o suporte adotado. Nome do entrevistado. Título. Referência da publicação. Nota da Entrevista.

Moura EG. Considerações sobre a criação da área de avaliação “Nutrição” na CAPES. CERES 2011 6(2): 125-128. Entrevista concedida a Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho.

Dissertação e tese - Autor. Título: subtítulo. [Indicação de dissertação ou tese] Local: Instituição, nome do curso ou programa da faculdade e universidade; ano da defesa.

OLIVEIRA DA. Alimentação complementar no primeiro ano de vida no município do Rio de Janeiro: tendência temporal 1998 – 2008 [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2011.

Marques MLGB. Desenvolvimento, agendas internacionais e políticas nacionais: a nutrição nas relações FAO-Brasil (1945-1964) [tese]. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

Eventos (Congresso, conferência, encontro etc.) - Tipo de publicação do evento (Anais, Resumos) número do evento Nome do Evento; ano, local de realização (cidade). Local de publicação (cidade): Editor, ano de publicação. Número de páginas ou volume.

Anais do 3º Seminário Brasileiro de Educação; 1993; Brasília. Brasília: MEC; 1994. 300 p.

Documento eletrônico - Autor. Título: subtítulo. Edição. Local de publicação (cidade): ano. Número de páginas ou volume (série) - se houver. Disponível em URL: <http://.....>

Assis M, organizador. Promoção da saúde e envelhecimento: orientações para o desenvolvimento de ações educativas com idosos. Rio de Janeiro: 2002. 146 f. (Série Livros Eletrônicos). Disponível em: URL: <http://www.unati.uerj.br>

Dicionário e Enciclopédia - Autor. Título: subtítulo. Edição. (se houver) Local: Editora; data. Número de páginas ou volume.

Ferreira AB H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986. 1838 p.

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil; 1995. 20 v.

Legislação - Lei nº....., Ementa. data completa (ano mês abreviado dia). Nome da publicação volume (fascículo), data da publicação (ano mês abreviado dia). Nome do caderno, páginas inicial e final.

Lei nº 10.741 Estatuto do Idoso 2003 out 1. Pub DO 1(1), [Out 3 2003] .

Programas de Televisão e de Rádio - Tema. Nome do programa. Cidade: nome da TV ou Rádio, data da apresentação do programa. Nota especificando o tipo de programa (TV ou rádio)

Um mundo animal. Nosso Universo. Rio de Janeiro: GNT; 4 de ago. 2000. Programa de TV.

CD-ROM - Autor. Título. Edição. Local de publicação (cidade): Editora, data (ano). Tipo de mídia.

Almanaque Abril: sua fonte de pesquisa. São Paulo: Abril, 1998. 1 CD-ROM

E-mail - (as informações devem ser retiradas, sempre que possível, do cabeçalho da mensagem recebida)

Nome do remetente. Assunto. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <e-mail do destinatário> em (data de recebimento).

Biblioteca Central da UFRGS. Alerta. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bibfaced@edu.ufrgs.br> em 20 jun. 2005.

Web sites ou Homepages – Nome. Disponível em: URL: <http://...>

Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação NECTAR. Disponível em: URL: <http://www.nutricao.uerj.br>

Programa de computador

Hemodynamics III: the ups and downs of hemodynamics [computer program]. Version 2.2. Orlando (FL): Computerized Educational Systems; 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PESQUISA: Alimentos Agroecológicos: o que motiva o consumo em feiras ecológicas de Porto Alegre – RS?

Nome: _____	
Sexo: M () F ()	Idade:
Escolaridade:	
Profissão:	
Frequenta a FAE quantas vezes por mês?	
Adquire produtos agroecológicos ou orgânicos de outra forma?	
1) Na sua opinião, o que há de diferente em um alimento agroecológico e um alimento orgânico?	
2) Que motivos te fazem frequentar as feiras agroecológicas?	
3) Quais as razões de consumir alimentos agroecológicos e/ou orgânicos?	
4) O que você mais preza num produto agroecológico e/ou orgânico	

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Alimentos Agroecológicos: o que motiva o consumo em feiras ecológicas de Porto Alegre – RS?” que tem o objetivo conhecer os motivos que levam ao consumo de alimentos agroecológicos pelos frequentadores das feiras ecológicas. É importante conhecer a motivação para tais escolhas para que possamos compreender a relação entre o consumo dos alimentos agroecológicos e a busca pela saúde, além da relação econômica, social e ambiental.

Para a realização dessa pesquisa, será necessário que você responda a um questionário com perguntas que serão realizadas por uma aluna do curso de nutrição.

É importante que você saiba que:

- Não há riscos previstos na participação da pesquisa;
- Todos os dados pessoais serão mantidos em sigilo, evitando constrangimentos ou prejuízos aos participantes;
- Não haverá prejuízos a quem se recusar a participar da pesquisa;
- Qualquer esclarecimento necessário será feito, antes, durante ou após a pesquisa;
- Não haverá despesas decorrente da participação na pesquisa, bem como, não haverá remuneração pela participação na mesma;
- Os dados colhidos serão utilizados apenas para essa pesquisa.

Pesquisador responsável: Luciana Dias de Oliveira

Pesquisador: Bruna Concheski de Moura

Caso queira mais informações, você poderá entrar em contato com a Prof^a Luciana Dias de Oliveira pelo telefone: (51) 99933-5828, ou no Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2.400 – Porto Alegre – RS.

A equipe de pesquisadores agradece o seu apoio e atenção.

Declaro que li e recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordo em participar da pesquisa em questão.

_____/_____/_____
 Nome Assinatura Data

Bruna Concheski de Moura _____ / ____ / ____
 Nome do pesquisador Assinatura do pesquisador Data